Ano IV — Lisboa, Novembro de 1948 — N.º 43

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

254 - Ficha 84

O ESCOTISMO AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

La valeur d'une Troupe se mesure, non à la multiplicité des brevets conquis, mais à son estime et à la pratique de la Bonne Action.

P. JACQUES SEVIN

Lamenta-se hoje muito o estado de desespero a que a humanidade chegou, a incerteza e os ódios acumulados, mas poucos se dão ao cuidado de avaliar as causas primárias e remotas da crise que lançou o mundo na confusão presente. Mais do que isso, parece que se deseja ignorar tais origens, porquanto prevalecem, condenando a fracasso todas as tentativas feitas para restaurar a Harmonia, a Paz.

O homem maravilhou-se com as suas surpreendentes conquistas científicas, viu-se senhor dos mares, do espaço, julgou-se superior a Deus, entendeu que podia possuir, subjugar, sem se preocupar com questões de ordem moral. Se podia fazer chegar a sua voz instantâneamente de um canto ao outro da Terra, dominar, transformar, desagregar os elementos, não poderia igualmente alterar a seu belo talante as normas que o disciplinavam a conceitos muito mais velhos do que as suas notáveis descobertas?

E assim a humanidade se materializou, abandonando os sentimentos de nobreza, de lealdade, de generosidade. Os homens passaram a rir-se de quem fielmente se continuava esforçando por observar princípios imutáveis.

Na sua vaidade o homem fez-se ambicioso. Desprezadas as preocupações de ordem moral, esquecido de Deus, cada um diligenciou gozar a vida o mais regaladamente possível, ainda que o fizesse à custa do sacrifício alheio. Para acumular bens e riquezas lançou-se na vertigem do lucro: Explorou o trabalho, adulterou os produtos, sonegou os géneros, promoveu a guerra para fomentar negócios. Nações houve que, contagiadas pelos mesmos vícios, sedentas de alargar domínio e alcançar riqueza, invadiram países indefesos, pisaram e escravizaram povos mais fracos, promovendo a guerra mais cruenta e desumana de toda a história. E hoje, se a ambição se mantém, se a sofreguidão de bens e de poder continua a nortear a vida dos homens, como pode ser alcançado o entendimento entre os povos?

No entanto, parece que se principia a vislumbrar sintomas evidentes de cansaço. O homem começa a ficar perplexo perante a confusão que a sua vaidade provocou. As suas modernas concepções filosóficas, as suas descobertas científicas, os seus domínios, as suas riquezas, tudo quanto constituía para ele motivo de orgulho e vanglória, se têm precipitado de

(Conclui na 2.ª página)

IN-MEMORIAM

CONDE FOLKE BERNADOTTE

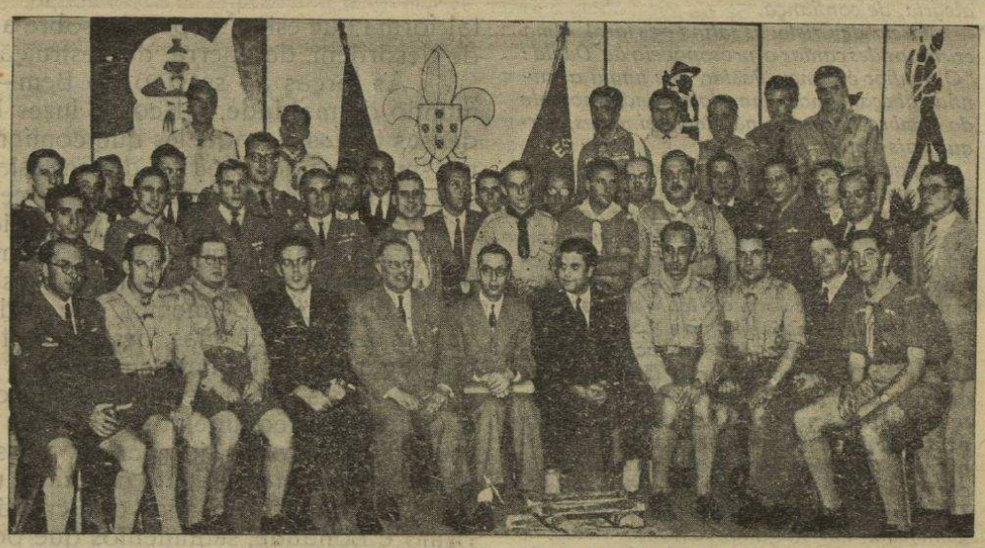
Promovido pelos escoteiros evangélicos de Lisboa realizou-se no Domingo, dia 17 de Outubro p. p., na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, um serviço religioso em memória de Folke Bernadotte, Escoteiro-Chefe Geral da Suécia e membro do Conselho Internacional de Escotismo.

Assistiram ao acto os Srs. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Sub-Secretário do Comércio e Indústria e Presidente dos Escoteiros de Portugal; Chefe de Gabinete do Sr. Ministro da Educação Nacional; Dr. Luís Pinto Coelho, Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa; Representantes do Sr. Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, do Sr. Governador Civil de Lisboa; Dr. Francisco Cortez Pinto, Eng.º Jorge Brotas Cardoso e muitos dirigentes escotistas.

O Corpo Diplomático fez-se largamente representar, estando presentes os Srs. Embaixador e Adido da Imprensa da Grã-Bretanha; Embaixador da França, Ministros da Suécia, da Dinamarca e da Holanda, Encarregado de Negócios da Noruega, Bélgica e Brasil; pessoal da Embaixada Britânica e da Legação Sueca.

Dirigiu a parte devocional o Sr. Rev. Pinto Ribeiro, Presidente do Grupo 53, e foi orador o Sr. Rev. Eduardo Moreira, antigo dirigente escotista, que, num sermão eloquente e repassado de unção espiritual, tomando por tema o versículo dó Evangelho

(Conclui na 2.ª página)



Dirigentes escotistas que assistiram à posse do Tribunal de Honra.
Sentado vê-se, no centro, o Sr. Eng.º Jardim, Presidente da A. E. P., tendo à sua direita os Srs. Drs. Francisco Cortez Pinto e Gonçalo Mesquitela, e à esquerda os Srs. Eng.ºs José Maria Nobre dos Santos e Jorge Brotas Cardoso. (Vide notícia na página 3)

In-memoriam Conde Folke Bernadotte

(Conclusão da 1.ª página)

«Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo» (S. Mateus 5:13-14), disse:

Corrupção e trevas, eram a condição do mundo, quando Jesus, o Carpinteiro de Nazaré, revelou a Israel o Cristo Eterno, e ao mundo pagão o Verbo do Amor Universal. Corrupção nos costumes de Roma e Grécia, Egipto e Arábia, e do misterioso Oriente. Trevas nas mentes, nas consciências, nas almas: pela confusão filosófica, pela rotina do culto, pela teatralização das relações sociais, em tudo aquilo, enfim, a que se podia aplicar a apóstrofe do Divino Mestre: "Se a luz que em ti há são trevas... quão grandes essas trevas são!"

A corrupção era essencialmente interior, mas transbordava nos costumes. A treva era manifestamente exterior mas penetrava as almas, cegava os seres, mergulhava-os na densa sombra da dúvida angustiosa, na negação rebelde, ou do cepticismo elegante.

Mas Ele veio! Ele armou na lama do mundo a tenda maravilhosa que rejeitava os salpicos e se mantinha pura. Ele explodiu em luz convencedora de sinceros e vencedora de desleais. Aqueles se tornaram os crentes sadios, estes os fariseus hipócritas, mas uns e outros se chamaram cristãos. E ainda houve muitas das "ovelhas perdidas da Casa de Israel" que preferiram agarrar-se à sombra que passava, virando as costas à realidade que surgia!

Ele era essa misteriosa encarnação que pode ser simbolizada na combinação dum ácido e duma base, formando um sal. Era essa projecção prodigiosa vinda de além das estrelas, que tem perfeito semile na luz. E como queria que Seus discípulos o imitassem, lhes disse: "Vós sois o sal da terra. Vós sois a luz do mundo". Grãozinhos de sal que, unidos, são elemento salutar. Resteazinhas de luz que, enfeixadas, são elemento de visão, de alegria, de confiança.

Igreja de Cristo: és salina e és farol. Alma cristã: podes cantar a prosopopeia de David: "O Senhor é o meu Pastor, que ungiu a minha cabeça. Ainda quando eu andar no vale da sombra da morte não temerei males, porque vais comigo."

Alastrou a ideia de Cristo como um perfume que se evola e, não sendo já flor, é contudo alguma coisa da flor. É em nome de Cristo, é pelo menos invocando Esse nome augusto, que, com diferentes graus de sinceridade, se procura a paz, se associam nações e se põe a guerra fora da lei, e se proclama o respeito da pessoa humana.

Dois expoentes desse princípio são o Conde Folke Bernadotte e o Coronel Serot, que um dia, faz hoje precisamente um mês, se encontram em Jerusalém, um como medianeiro entre árabes e judeus, na grande querela da Palestina, o outro como observador chefe da Organização das Nações Unidas. Deviam ser sagradas as suas pessoas, para gente com um mínimo de senso cívico, de senso humano; mas as grandes dores que fazem de uns homens anjos, fazem de outros feras. E as feras abateram aqueles dois emissários da paz, aqueles dois propugnadores da fraternidade humana.

O Coronel Serot era um antigo aviador da nobre Nação Francesa, que estava cumprindo o seu dever. Que frase tão banal na aparência, e tão profunda em realidade! Cumprir o seu dever... Como nós devíamos respeitar quem o faz! Estabelecida essa regra no mundo, estariam talvez resolvidas metade das nossas dificuldades.

O Conde Bernadotte era o medianeiro. Como o Excelso Mediador morreu em Jerusalém há dezanove séculos, assim ele expirou por se esforçar em encontrar a fórmula da Paz.

A história dos filhos principia nos pais. É nestes que se começa a avaliar aqueles, quando se segue o conselho de São Paulo: "Provai os espíritos". Tive a honra de conhecer de perto, na Provença e na Carintia, em congressos cristãos, o Príncipe Oscar Bernadotte, e posso dizer que ele reunia em si a lhaneza do cristão e a dignidade natural do príncipe de sangue. Este príncipe piedoso educou seu filho nos elevados conceitos do Evangelho, e não o fez em vão. Folke Bernadotte trabalhou a favor das vítimas da guerra, trabalhou a favor dos enjeitados da paz, e agora punha a sua lealdade ao serviço dos dois ramos semitas desavindos, na terra dolorosa da Palestina, quando a loucura homicida o prostrou e ao seu companheiro.

Recordemo-los com as sublimes palavras de Daniel, o judeu que nunca se bandeou com os babilónios mas nunca se deixou vencer de baixos rancores: "Os que ensinam a justiça a muitos, refulgirão como as estrelas sempre, e para sempre!" Daniel 12:3.

Os escoteiros evangélicos portugueses quiseram unir-se espiritualmente aos seus irmãos de outras nações, recordando solenemente, na presença de Deus, único alvo do nosso culto, o seu malogrado Chefe. Fizeram bem. Uno-me com eles, eu, velho escoteiro. Unimo-nos com eles, todos nós, cristãos católicos, que não queremos repartições estanques na nossa alma, e queremos amar, amarmo-nos uns aos outros, amar a beleza e a santidade de Deus, amar os actos grandes dos heróis, amar as possibilidades e os sonhos da Humanidade, amar até os nossos inimigos, desejando que a Luz Divina os transforme e os eleve.

Que este preito de saudade, Irmãos, Senhoras, Senhores, termine num cântico de amor.

* * *

A guarda de honra ao Sr. Presidente da A. E. P. e demais entidades oficiais foi prestada pelos Grupos 53 e 94 e escoteiros dos Grupos 2, 5, 9, 79, 85 e 99.

E. C. D. António Álvaro Dória

Dando-nos esclarecimentos sobre as Efemérides do Escotismo, temos presente uma agradável carta deste nosso antigo irmão-escoteiro, que no Norte prestou bons serviços ao Escotismo, tendo fundado e dirigido os Grupos n.os 7 (que depois passou a 15), 53 (extinto), foi Ajudante do Chefe da Zona do Porto, quando este cargo era ocupado pelo Rev. Eduardo Moreira, quem depois substituiu.

Não resistimos, porém, ao desejo de transcrever uma parte da referida carta, pois são palavras de fé de um antigo e dedicado dirigente escotista, cuja firmeza pode servir de estímulo aos mais novos.

«Como é a primeira vez que directamente me dirijo a V., peço licença para saudar todos quantos aí trabalham, oferecendo-lhes a minha leal camaradagem, embora afastado do Escotismo há bons 20 anos. Eu sou, meu Camarada, daqueles que entendem que **Once a Scout, always a Scout,** *como preconizava o nosso saudoso Chefe.*

«Congratulo-me por que nesta época triste que atravessamos aparecesse um grupo de decididas boas vontades capazes de ressuscitar o Escotismo, a **única** *escola de civismo, patriotismo, dedicação e virilidade que até hoje foi possível fundar em bases sólidas»*

Agradecemos as palavras amigas do nosso prezado irmão-escoteiro, cujo testemunho muito honra o Movimento, e retribuímos com simpatia as saudações que tem a amabilidade de nos enviar.

O ESCOTISMO AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

(Conclusão da 1.ª página)

tal forma que estão suspensos sobre a sua cabeça numa ameaça constante de desordem, de guerra, de destruição.

As forças ao serviço do Bem — que ainda existem felizmente neste mundo de maldade, tal como luzes brilhando refulgentemente por entre densas trevas —, aqueles que continuam a depositar confiança nos valores supremos do Espírito, devem estar atentos a este momento de derrota das vaidades humanas. Urge aproveitar a oportunidade que surge para orientar a humanidade para princípios imutáveis de Fé, de Altruísmo, de Abnegação, aproximando o homem do seu Criador, cujo afastamento tem provocado o caos da hora presente.

Entre os movimentos que podem e devem contribuir para este levantar das consciências, neste recrutar de forças espirituais, o Escotismo tem lugar de destaque e cumpre-lhe papel importante na formação cívica das gerações que despontam. É mister, porém, que o usemos na sua essência, que nos preocupemos mais com os objectivos do que com os meios, usando estes na medida em que possam ser úteis àqueles. A *Boa Acção*, praticada constantemente por cada um dos escoteiros, será a medula do Movimento, será a prática que criará na gente nova hábitos de Cavalheirismo e Bondade, sentimentos que poderão exercer forte influência na sociedade vindoura. Não será necessário que o escoteiro se lance em acções de heroísmo, mas que, através de pequenos actos de auxílio ao próximo, se acostume a ter carinho, amizade, interesse pelo seu semelhante.

O Mundo está doente, enfermo de vícios, e o seu tratamento só pode ser tentado criando hábitos inversos àqueles que o vitimam. E a gente nova, naturalmente dedicada a sentimentos nobres, será quem melhor poderá desenvolver hábitos sãos e elevados.

Se o rapaz retirar do passeio uma casca de laranja, certamente que nunca mais arremessará tais detritos ao solo. Se o rapaz socorrer os famintos, decerto que não provocará a fome. Se o rapaz promover a harmonia, com certeza que não fomentará a intriga e a guerra. Se o rapaz se interessar pelo bem-estar daqueles que o cercam, não saltará amanhã por cima dos direitos alheios para satisfazer os seus apetites. Que cada Patrulha, cada Grupo, coloque como sua principal actividade a prática da Boa Acção.

Formemos rapazes generosos e teremos destruído a Ambição. Fomentemos o Altruísmo e eis destruído o Egoísmo. Matemos a Ambição na Terra, destruamos o Egoísmo no mundo e reinará de novo a Harmonia e o Bom Entendimento.

O Eng.º Sr. Jorge Pereira Jardim

foi escolhido para desempenhar o alto cargo de

Sub-Secretário do Comércio e Indústria

O Eng.º Sr. Jorge Pereira Jardim foi recentemente empossado no alto cargo de Sub-Secretário do Comércio e Indústria, suspendendo por esse facto o desempenho das funções de Presidente dos Escoteiros de Portugal, cargo em que estava evidenciando, mais uma vez, as suas altas qualidades de trabalho e de carácter e afirmando o interesse que sempre dedica a qualquer lugar que ocupe.

Se lamentamos o seu afastamento dos negócios associativos, não podemos ocultar a nossa satisfação por sabermos que um irmão-escoteiro foi distinguido com a sua escolha para missão tão importante, certamente porque lhe é reconhecida capacidade de acção, honestidade de convicções, a cuja formação o Escotismo não foi estranho, pois o Sr. Eng.º Jardim é escoteiro desde muito novo. O seu espírito *sempre pronto a servir* não lhe permite, sabemos, furtar-se ao desempenho das missões a que é chamado e que cumpre com a dedicação de que tem dado sobejas provas nos cargos anteriormente desempenhados.

O Sr.º Eng. Jardim não abandona o cargo de Presidente dos Escoteiros de Portugal, entrando, porém, em regime de licença, sendo o seu lugar desempenhado interinamente pelo nosso Escoteiro-Chefe Geral, Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso.

Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal

Na noite do passado dia 18 de Outubro a Sede Central dos Escoteiros de Portugal registou um desusado movimento. Encontravam-se presentes todos os membros da Direcção, Chefes Regionais do Norte, Centro e Sul, Dirigentes dos Grupos da Capital, antigos escoteiros e o Corpo Directivo do nosso jornal. Ia realizar-se o acto de posse do Tribunal de Honra da nossa Associação.

Pontualmente, às 22 horas, o Secretário Geral leu o auto que empossava os Srs. Dr. Francisco Cortez Pinto, como Presidente; Dr. Gonçalo Mesquitela, como Vogal-Secretário; e Engenheiro José Maria Nobre dos Santos, como Vogal. Antes de se proceder à respectiva assinatura o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Presidente da Associação, usou da palavra para pôr em evidência o significado do acto e o seu notável valor para o Movimento, afirmando a sua satisfação por lhe ser possível dar posse aos membros do Tribunal de Honra antes de suspender as funções do seu cargo.



DR. FRANCISCO CORTEZ PINTO
Presidente do Tribunal de Honra

Prosseguindo enalteceu a dedicação e espírito escotista do Sr. Dr. Cortez Pinto, que mais uma vez se prontificou a pôr ao serviço da Associação as suas altas qualidades morais. De igual forma frisou que o Sr. Dr. Gonçalo Mesquitela, licenciado em direito e antigo escoteiro em Macau, e o Sr. Eng.º Nobre dos Santos, velho companheiro de patrulha, eram a exemplificação viva de que *uma vez escoteiro, sempre escoteiro*, afirmando que o Tribunal de Honra constituído por três elementos de tão notáveis qualidades de carácter era a melhor garantia da estabilidade do Movimento.

Antes de concluir quis ainda o Sr. Eng.º Jardim comunicar que, em virtude de ter sido escolhido para desempenhar um cargo público, que tinha aceite em virtude do seu dever de *Servir*, entendia não poder continuar no desempenho das funções de Presidente da A. E. P., pelo que apresentava a todos as suas despedidas, afirmando que lhe não tinha faltado o apoio de todos os dirigentes, dos Grupos e da Imprensa nos curtos meses da sua presidência. Declarou ainda que não tinha sido possível fazer tudo quanto era necessário, mas que tinha sido feito tudo quanto foi possível.

Tomou então a palavra o Sr. Dr. Cortez Pinto que manifestou a sua satisfação pela oportunidade de se encontrar mais uma vez entre a gente nova ao serviço da causa nobilitante do Escotismo e que estava certo de que em virtude dos princípios que norteiam os ideais escotistas a função dos membros do Tribunal de Honra seria fácil.

Traçou depois o elogio do Sr. Presidente da A. E. P., afirmando que o Escotismo norteou em grande parte as qualidades de trabalho e de honestidade por ele reveladas no desempenho dos cargos públicos para que tem sido nomeado, afirmando que a escolha do Sr. Eng.º Jardim para o elevado cargo de Sub-Secretário do Comércio e Indústria era de sobremaneira honrosa para o Escotismo.

Após a assinatura do auto de posse os membros do Tribunal de Honra foram muito felicitados por todos os dirigentes escotistas presentes.

MAU GOSTO

Publica-se entre nós uma revista de divulgação científica, por sinal interessante, tanto gràficamente como pela colaboração inserida, que teve o *mau gosto* de ilustrar a capa do seu n.º 10 com a fotografia horripilante da execução de um condenado na cadeira eléctrica.

As expressões ferozes dos três carrascos que se ocupam dos preparativos da execução, a feição angustiada do condenado, o próprio cenário, formam um conjunto impressionante. É de lamentar que uma revista de divulgação científica, portanto, uma revista que deve interessar à gente nova, não evitasse a publicação de tal quadro absolutamente condenável sob o aspecto educativo, e mesmo sem interesse científico apesar da epígrafe — «A ciência ao serviço da pena de morte».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Nascimentos — Encontram-se de parabéns o nosso amigo e irmão-escoteiro Sr. João Chaubert Alves e sua Esposa, pelo nascimento do seu segundo filho, o Jorge Alberto, por cujas felicidades fazemos votos muito sinceros. São seus padrinhos o Sr. Eng.º Jorge P. Jardim e sua esposa.

● Também o lar do nosso camarada do Entroncamento Sr. Luís Máximo de Oliveira e de sua Esposa, foi enriquecido com mais um *bebé*, ao qual desejamos uma vida muito feliz e venturosa.

De viagem—O nosso estimado amigo e assinante Sr. Rev. Paulo Valon, que esteve recentemente a passar as férias na sua Pátria, a Suíça, já se encontra de novo entre nós e sabemos ter feito uma viagem excelente.

● O antigo escoteiro e Chefe do Grupo n.º 1, Sr. António Afonso, que há 25 anos se encontrava ausente em África, encontra-se no Continente em gozo de férias, motivo por que lhe apresentamos as boas-vindas.

● Na companhia de sua Esposa embarcou no passado dia 10 de Outubro no *Nova Lisboa* para Angola, em desempenho de serviço militar, o nosso estimado amigo e assinante Sr. Capitão Fernando Caetano. Fazemos votos de que tenham feito uma excelente viagem e de que a sua nova estadia em terras africanas seja muito feliz.

FRANÇOIS BARADEZ

Este nosso estimado colaborador, membro dos «Scouts de France», que no «Jamboree» Mundial da Paz desempenhou o lugar de escoteiro de ligação—Z—do contingente português e, entre nós, simpàticamente se relacionou com o Escotismo Nacional, partiu no dia 14 de Outubro para Paris aonde vai prosseguir nos seus estudos.

Antes de partir teve a gentileza de se despedir de nós e oferecer-nos os seus serviços na sua pátria, dando-nos assim oportunidade de lhe fazer o convite para nosso correspondente em Paris, cargo que gostosamente teve a gentileza de aceitar.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*», lhe desejam muito sucesso nos seus estudos.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Os escoteiros do Grupo n.º 84 do Entroncamento quotizaram-se e apuraram a quantia de **Esc. 25$00** que nos enviaram para que fizéssemos entrega à benemérita obra da Casa Mãe das Raparigas da Cidade.

Em nosso nome e em nome das dedicadas directoras da Casa Mãe apresentamos muitos agradecimentos aos nossos camaradas do Entroncamento.

OUTRA VEZ OS SENIORES

Os Seniores perante o "Rover-Moot"

Nas colunas do «*Sempre Pronto*» temos tratado por mais de uma vez do problema da organização da Divisão Sénior. Sabemos que, de uma maneira geral, existe concordância com os princípios que temos enunciado e sabemos que a referida organização é assunto que está no espírito dos dirigentes superiores do Movimento, que reconhecem a necessidade de o resolver.

Todavia, o assunto não tem sido solucionado com aquela brevidade que seria para desejar e têm sido promulgadas em primeiro lugar medidas de carácter administrativo, também necessárias, é certo, mas, quanto a nós, menos urgentes. E achamo-las de menor urgência porque verificamos que se continua a repetir o erro de promover actividades em que os escoteiros juniores trabalham em conjunto com os seniores, provocando o desinteresse destes e prejudicando o bom aproveitamento daqueles.

Por isso, se voltamos a tratar do *enquadramento dos Seniores*, não temos em vista outra coisa senão pedir ao digno Escoteiro-Chefe Geral que a solução deste problema tenha prioridade sobre outros que possam ser propostos. E temos razões especiais para este nosso interesse, porquanto, é do nosso conhecimento que os escoteiros seniores manifestam o desejo de ver organizada a sua Divisão de forma a lhes ser proporcionada uma acção escotista mais activa e útil. Por outro lado, sabendo-se que se estuda com muito empenho a nossa representação no «Rover-Moot» a realizar na Noruega no próximo ano, todos veríamos com muita satisfação os nossos Seniores preparados para ali representar condignamente a Associação e o país.

Nas normas recentemente publicadas regulamentando os quadros de hierarquia associativa surpreendeu-nos não ter encontrado o cargo de *escoteiro-chefe de clã* a par de *escoteiro-chefe de grupo e de alcateia*, pois aquele não é de menor importância do que estes. Parece-nos que seria um cargo a criar não só no Clã, mas também na Região e até mesmo junto da Chefia Geral. Desejaríamos sugerir que para cada Região fosse imediatamente nomeado um Dirigente com as funções de organizar a Divisão e que se desse início a um trabalho intensivo de vida de campo, preparando e especializando os seniores, tanto quanto for possível, como pioneiros, campistas, cozinheiros, sinaleiros, enfermeiros e maqueiros, práticos florestais, etc. Mais ainda, deveriam ser exigidas a cada escoteiro-sénior um certo número de capacidades, que não seriam as mesmas que são prestadas pelos juniores e que alguns seniores apresentam em quantidade avultada nas mangas de suas camisas.

O «Rover-Moot» é uma actividade de «Rovers». Os escoteiros-seniores que ali forem devem ir preparados para ombrear rapazes com longa prática de «woodcraft», sabendo cozinhar sem marmitas, habituados a substituir a tenda por abrigos, a construir pontes e jangadas. Conhecemos os nossos Seniores, sabemos — temos a certeza — de que são capazes de fazer boa figura junto dos seus camaradas estrangeiros, o que precisam é de ser preparados convenientemente.

É também tempo — amanhã será tarde — de preparar os nossos programas para os fogos de conselho e representações. É preciso que no «Moot» não sejamos meros espectadores, mas participantes activos.

Compreendemos perfeitamente que estes empreendimentos são trabalhosos e necessitam de tempo, e que os nossos dirigentes superiores se encontram assoberbados com serviço, sobrecarregados com a reorganização de um organismo que esteve durante muito tempo quase inactivo. Por isso as nossas palavras de maneira nenhuma deverão ser tomadas como crítica, mas apenas manifestação sincera de ver o escotismo nacional enveredar por uma acção eficiente, a que não queremos recusar sugestões, que talvez não tenham outro mérito que não seja de agitar problemas e estimular as boas vontades existentes.

EDUARDO RIBEIRO

Nomenclatura da Divisão

Escolher uma designação a atribuir aos escoteiros seniores é, por assim dizer, uma questão de linguagem, que deveria ser versada pelos mestres da língua e não por nós. Permitam-nos, porém, que apreciemos e comparemos os vocábulos já usados ou sugeridos.

Os britânicos chamaram ao escoteiro com mais de 17 anos *Rover*, que parece significar viajante, corredor, vagabundo.

Os franceses usaram *Routier*, aquele que viaja por estrada *(route)*, homem de guerra, soldado aventureiro, homem que correu mundo, figuradamente homem experimentado. Entre nós já foi sugerido o termo *Roteirista*, derivado de roteiro, que nunca foi regulamentado, mas que ainda há quem use. Não nos parece que esta palavra esteja indicada. Roteirista significará aquele que faz um roteiro e não aquele que segue uma rota. Se o intento foi conseguir um termo sinónimo do *Rover e Routier*, não foi atingido o objectivo e forjaram um vocábulo desconhecido do público e de pouco significado, tendo como única vantagem o ser iniciado pela mesma letra dos dois termos estrangeiros indicados.

Os nossos irmãos do Corpo Nacional de Escutas adoptaram há pouco e regulamentaram a designação *Caminheiro*. Não lhe podemos negar mais significado que roteirista, porém caminheiro será aquele que anda muito a pé, o viandante. Não nos parece feliz a palavra escolhida. Em Portugal está muito espalhada a crença de que o Escotismo obriga o rapaz a dar grandes caminhadas, a fazer grandes e esgotantes viagens a pé. É esta uma das dificuldades que encontramos para recrutar novos elementos. Se o termo *caminheiro* se tornar conhecido não irá contribuir para radicar mais ainda tão errado conceito acerca do Escotismo? Além disso não lhe encontramos um sentido particular que possa ter relação com os ideais escotistas, e o possa recomendar.

Os nossos irmãos brasileiros adoptaram já há muito tempo a designação *Pioneiro*. Pioneiro é o explorador que abre caminho através da selva ou do mato à expedição que o segue. Em sentido figurado é o primeiro em qualquer empreendimento ou iniciativa. Aquele que pela sua dedicação e interesse mais se destaca na defesa de um ideal. Não resta dúvida que é um vocábulo cheio de significado. Poderá não ter o cunho da originalidade, será suspeito de galicismo, mas se nos fosse permitido escolher entre as três designações, certamente que optaríamos por *Pioneiro*. De facto, o Escoteiro-Sénior deverá ser um pioneiro, o pioneiro do Escotismo. De harmonia com o simbolismo da Divisão será o explorador que segue *estrada* fora procurando atingir o alvo além.

Será este um assunto que pode e deve ser tratado na próxima Conferência de Dirigentes que se projecta realizar em Abril de 1949. Poderá ser que, até lá, alguém possa sugerir alguma designação mais apropriada. Se isso não acontecer, parece que poderemos eleger o termo PIONEIRO, com a grande vantagem de ir ao encontro do que está em uso numa associação irmã, o que é já motivo forte para o recomendar.

E. R.

Podes ser Escoteiro!

Sabemos que em diversos pontos do país há rapazes que têm vontade de fazer parte da grande família dos escoteiros. Mas no seu bairro, na sua localidade, não há qualquer Grupo. Pois bem: O «*Sempre Pronto*» vem em seu auxílio e vai proporcionar-lhes oportunidade de ingressarem nas fileiras escotistas.

Qualquer rapaz que tenha mais de 11 anos e menos de 15 anos de idade, seja rico ou pobre, quer viva na aldeia, na vila ou na cidade, que queira ser escoteiro, ou seja que queira ser moderno Cavaleiro, pronto, sempre pronto, a auxiliar, defender e socorrer os mais fracos, nada mais tem do que escrever um postal ou carta ao

VELHO LOBO LUSITANO
Redacção do «*Sempre Pronto*»
Travessa de Vitorino de Freitas, 9—LISBOA

Depois, o Velho Lobo Lusitano procurará resolver o seu caso. E certamente o resolverá!

Entretanto vamos aprender as

PROVAS DE PATATENRA

Ficaste intrigado com semelhante título? — Pois bem, vou procurar esclarecer-te: Como sabes o Escoteiro não é um rapaz vulgar. O Escoteiro, se é um bom Escoteiro, tem de saber muitas coisas úteis, coisas essas que o safam de todas as enrascadas, que resolvem todas as dificuldades ainda mesmo que ele esteja sòzinho no meio de uma floresta ou de uma serra. Está claro não se aprende tudo de uma vez. O Escoteiro é um Lobo e antes que chegue a Velho Lobo muito terá que saber.

Tu, que vais ser Escoteiro, és agora apenas aspirante. Quere dizer aspiras, tens desejo de pertencer ao Movimento. Quando fizeres solenemente o teu Compromisso de Honra, estendendo a mão sobre a bandeira querida de Portugal, serás então Escoteiro, um Lobo, mas um lobo fraquinho, *patatenra*. Já tens, no entanto, de saber alguma coisa, de conhecer alguns segredos da selva, ter algumas noções da vida dos escoteiros. São os primeiros passos da grande aventura que vais viver e é isso que constitui as Provas de Patatenra.

Escreve-me em breve: E no próximo número aqui me encontrarás de novo e serás iniciado nos mistérios da selva. Nem todas as instruções ou provas serão escritas no «*Sempre Pronto*»! Algumas ser-te-ão remetidas directamente. Enfim, finalmente, podes ser escoteiro!

VELHO LOBO LUSITANO

N. da R.—Pedimos aos Grupos para que seja dada a maior expansão a esta nova secção do nosso jornal.



Grupo n.º 6 — Olhão

Em 11, 12 e 13 de Setembro p. p., efectuou-se nos arredores de Tavira o II Acampamento Regional do Algarve, no qual compareceram os Grupos n.os 59, 60, 77 e todo o efectivo do Grupo n.º 6. No dia 12, de manhã, os Grupos apresentaram as suas classes de ginástica, e seguiu-se um concurso de ornamentação de sub-campos de Patrulhas, no qual ficaram classicadas em 1.º lugar a Patrulha Nun'Álvares do Grupo n.º 77, e em 2.º lugar a Patrulha Andorinha do Grupo n.º 6. Na tarde, o Delegado dos Serviços Centrais no Algarve, Sr. Lobo de Miranda Trigueiros, que organizou o acampamento e exercia as funções de Chefe de Campo, passou revista a todas as Patrulhas formadas diante dos seus campos, após o que se efectuou um numeroso desfile pelas ruas da cidade de Tavira. No regresso, o acampamento foi visitado por uma Delegação do Grupo n.º 157 do C. N. E., composta pelo seu Chefe, reverendo assistente e Chefe Regional do C. N. E. À noite efectuou-se o Fogo de Conselho, que foi aceso pelo Escoteiro Samuel Vieira, que representava o Grupo n.º 53 de Lisboa, tendo feito uso da palavra o Delegado dos Serviços Centrais, e no qual se efectuou o Compromisso de Honra de aspirantes dos Grupos n.os 59 e 77, tendo terminado com algumas canções dos Grupos n.os 59, 60, 77 e 6. No dia seguinte, os Grupos regressaram às suas localidades e foi encerrado este acampamento, que nos deixou uma das mais gratas recordações de camaradagem e trabalho escotista.

● Em 26 do mesmo mês realizou-se no serro da Cabeça o exercício anual para disputa da taça «João Trigueiros», que constou de exercícios de orientação, mensagens por homógrafo a grande distância, seguimento de pistas em terreno muito acidentado, procura de «documentos» escondidos em direcções tiradas pela bússola, «caça» ao tesouro que estava em poder dos «índios» e, por último, tratamento de «feridas» em combate. Este exercício, que decorreu com muito entusiasmo, foi ganho pela Patrulha Andorinha.

● Em 4 de Outubro p. p., começaram as aulas diárias de francês, escrituração e aritmética comercial, leccionadas pelo nosso Instrutor Francisco Pina, destinadas aos Escoteiros do nosso Grupo, que têm sido seguidas com aproveitamento.

● Prossegue com muito entusiasmo o Concurso Interpatrulhas a realizar durante este mês, intitulado «Outono de 1948», do qual fazem parte revista das patrulhas, táctica, armar e desarmar tendas, instalação e ornamentação dos sub-campos, pensos e macas, homógrafo e morse, cozinhas, estafetas, canto coral e teoria escotista, tendo-se efectuado saídas das Patrulhas todos os domingos.

LEÃO DA ESTRELA

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Não tendo sido possível a realização do sarau escotista e desfile pelas ruas da Vila, nos dias 25 e 26 do mês findo, por motivo das recentes despesas efectuadas por alguns Grupos com a sua deslocação a Tavira, foi esta actividade adiada para ocasião mais oportuna.

● Comemorando o III aniversário da D. A. F., local realizou-se em 6 de Outubro uma reunião geral do Grupo, tendo comparecido todos os escoteiros e componetes da D. A. F. devidamente uniformizados, e assistindo pessoas de família dos mesmos.

Prestaram o Compromisso de Honra as aspirantes Teresa Tenório e Maria Antónia de Jesus, a quem o Chefe do Grupo demonstrou a importância do acto, e da sua integração na família escotista.

No final foi servido chá e doces aos presentes. A «dafista» Bertine da Conceição disse, em curtas palavras, a satisfação sentida por lhe ser dado assistir à pequena festa do III aniversário no verdadeiro ambiente escotista em que se encontrava e o Sub-Chefe João Reganha Pereira exortou o elemento masculino a que trabalhasse, valorizando as Patrulhas e tornando maior o Grupo.

Cantaram-se algumas canções escotistas, no meio da maior alegria a assim terminou uma festa simples, mas que vai, decerto tornar-se tradicional.

LOBO ALGARVIO

O Escotismo na Capital

Acampamento Geral

Nos passados dias 9 e 10 de Outubro a Região do Centro promoveu um acampamento geral, que se efectuou na Quinta do Junqueiro em Carcavelos, no qual tomaram parte os Grupos n.os 2, 5, 9, 53, 79, 85, 93, 94 e 99, sob o comando do Chefe Regional.

Na noite de sábado houve Fogo de Conselho. No domingo de manhã, após a alvorada, os escoteiros acampados praticaram ginástica, depois do que procederam ao içar da bandeira nacional.

Após o primeiro almoço os Grupos concentraram-se e efectuaram jogos e exercícios de formatura.

De tarde o acampamento foi visitado pelo Sr. Eng.º Jorge Cardoso, que inspeccionou o campo. Realizaram-se ainda exercícios de sinalagem e ao fim da tarde os Grupos regressaram às suas sedes.

Elementos para a História do Escotismo em Portugal

Conforme a promessa que fizemos, procuraremos corrigir ou completar as efemérides que publicámos no n.º 41 do nosso jornal, sempre que os nossos estimados amigos e leitores nos facultem elementos de informação para que o possamos fazer.

1912—Setembro 13 — O jornal «*O Século*», pela pena do seu ilustre colaborador Sr. Dr. José Pontes, inicia uma grande campanha a favor da difusão dos princípios do Escotismo. Pode-se afirmar, com justiça, que ao jornal «*O Século*» se deve em grande parte a expansão que o Escotismo ràpidamente alcançou em Portugal.

1922—Março 22 — O Grupo fundado nesta data no Porto, na A. C. M., pelo E. C. D. António Álvaro Dória (e não António Alves Dória como publicámos), teve primeiramente o n.º 7 e só mais tarde foi o n.º 15, número que ainda mantém.

1925—Janeiro—O E. C. D., António Álvaro Dória funda no Palácio de Cristal do Porto o Grupo n.º 53, com elementos do Grupo 15, que mais tarde se extinguiu.

1924—Agosto—No «Jamboree» da Dinamarca, além dos delegados à Conferência, estiveram ainda a representar os Escoteiros de Portugal os E. C. D. Albano da Silva e Manuel Borrego.

1930—Janeiro 1—Inicia-se a publicação do jornal «Escotismo» sob a orientação de Cansado Gonçalves, Carlos Centeno, Henrique de Barros e Rui Santos.

● Tomou posse do cargo de Comissário da Zona de Lisboa o Sr. Capitão António Azinhais Mendes.

«A CRISE»

Quase todas as tropas (*) escoteiras e mais núcleos de escotismo, desde que tenham um certo tempo de vida, já passaram pelo que se chama A CRISE.

Em síntese vamos apreciar como se apresenta este fenómeno nas tropas, papel do chefe e sua solução.

Como surge a crise: É preciso distinguir entre a crise natural e a provocada. Esta última é proveniente de causas conhecidas, o resultado de certos processos. Num grupo, se tal é possível, onde não há organização e justiça, onde os princípios de Baden-Powell são ministrados através do «funil» da incompetência do chefe e mais dirigentes, só uma crise é lícito esperar, provocada por estas más primícias, pela desídia dos dirigentes, pela falta de bons princípios da instituição. E, coroando a crise, o desaparecimento deste núcleo de pseudo-escoteiros para felicidade do movimento.

A crise natural é aquela em que o chefe ou dirigente procede de acordo com os melhores princípios do escotismo, é cuidadoso pelos escoteiros, a justiça reina em todos os seus actos. Entretanto, o grupo que tinha trinta escoteiros vê, quase de repente, seu número diminuir, num decrescimento assustador. As causas? Verdadeiramente não as há. É a crise que se apresenta.

São escoteiros que se retiram porque os seus pais resolveram que eles estudassem à noite, são escoteiros que mudam para outro bairro, não podendo continuar a frequentar as instruções, são escoteiros que atingem uma idade em que não podem continuar no grupo, são escoteiros que iniciam a sua vida e tantas outras causas, todas muito justas.

Como solucionar? Fazendo e seguindo cada vez mais os bons métodos escotistas.

O Chefe do grupo de escoteiros que assim se vê visitado pela crise deve manter seu sorriso, reorganizar seus programas, ler ou reler suas obras escoteiras, visitar algumas outras tropas escoteiras para beber novos ensinamentos e verificar se caiu na «rotina» que tanto acabrunha os grupos escoteiros. E depois, com tanta e maior vontade, continuar a trabalhar com os 10 escoteiros que ficaram do grupo de 30. Com estes escoteiros, que são dos melhores, pois passaram pela rude prova da «crise», constituir um novo grupo, servindo os antigos escoteiros de monitores e auxiliares.

Recriminar-se, carpir, lamentar-se, é simplesmente contribuir para o aumento da «crise». Os poucos escoteiros que restaram estão abalados pelo facto, para eles muito importante, pois a quantidade é tudo, de verem o seu querido grupo decrescer dia a dia. Precisam de amparo e encorajamento. Se o chefe começa a «pregar sermões» em totas as instruções pela ausência dos antigos escoteiros, pelo mau estado do grupo, demonstrando o seu desânimo e a sua incompetência, só faz aumentar a «crise», contribuindo para que os últimos escoteiros se vão.

O Chefe deve encarar de frente e como natural a «crise». É uma doença das tropas escoteiras a que poucas (ainda não conhecemos nenhuma que a não tenha experimentado) podem escapar. Esperar o fim da doença ou «crise» com confiança na alta vitalidade do escotismo. Começar sempre em primeiro lugar, por fazer um severo auto-exame para ver se em algo contribuiu para a «crise».

Realizar excursões e acampamentos de grande interesse para os escoteiros restantes. Manter sua alegria e entusiasmo como se visse o seu grupo aumentar espantosamente de número, mesmo que se esteja dando precisamente o contrário. E dentro de pouco, a «crise» estará vencida com grande alegria de todos.

DAVID M. DE BARROS
Comissário Técnico da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra
Em «Queres ser Chefe Escoteiro?»

(*) Tropas — *Termo usado no Brasil em substituição de* Grupos.

A União dos Escoteiros do Brasil concedeu e «Medalha Tiradentes» ao Corpo Nacional de Escutas

Por motivo da passagem do 25.º aniversário do Corpo Nacional de Escutas, e como homenagem ao Movimento Escoteiro Português, a União dos Escoteiros do Brasil concedeu àquela associação a «Medalha Tiradentes».

Esta condecoração será enviada por intermédio do Sr. Embaixador de Portugal no Brasil, a quem será solenemente entregue.—C.

CROMOS DE BOAS FESTAS

O «*Sempre Pronto*» vai editar cromos escotistas para Boas-Festas. Aos Grupos que desejarem quantidades serão feitos preços especiais e vantajosos, desde que se dirijam imediatamente à administração do nosso jornal.

CARO ASSINANTE:

A tua assinatura já está vencida? — Remete a importância ao «Sempre Pronto» e prestar-lhe-ás um bom serviço.

PALESTRAS COM UM GUIA

AO COMEÇAR O NOVO ANO ESCOTISTA

Encontramo-nos nos primeiros dias de uma nova «ronda solar escotista», e todo um ano se nos apresenta diante para poder levar a cabo um labor eficaz na nossa formação escotista. Já preparaste o programa de trabalho para a tua Patrulha? Ainda não? Pois não deve passar uma hora mais sem que dediques a tua atenção a traçar um esquema que sirva de guia às vossas actividades, salvo no caso de quereres que a tua Patrulha marche à deriva e sem rumo fixo.

Parece-te que traçar um programa para doze meses será um pouco ilusório, porque nada pode fazer prever o que sucederá em tão largo prazo, e será mais prático, e sobretudo mais cómodo, o actuar sobre a marcha dos acontecimentos...

Opino que estás equivocado. Em primeiro lugar, doze meses não é um grande prazo, porque o tempo voa. Por outro lado, não se pretende estabelecer um programa matemático que tenha de ser seguido rìgidamente contra vento e maré, e cuja variação represente uma catástrofe; não, não é isso...

O que eu quero é que a tua Patrulha estabeleça uns quantos objectivos a alcançar no curso, e que faça todo o possível por o conseguir. Por exemplo: todos os Escoteiros obterem a 2.ª Classe antes do 1.º dia do ano; obter todos, antes do dia de S. Jorge, o Diploma de Enfermeiro; constituir um fundo comum para assistir a um acampamento de verão ou organizar um próprio; projectar as excursões extraordinárias que se podem fazer aproveitando os dias de festa juntos; visitas culturais a museus, monumentos, etc., em dias de mau tempo; estudar alguma iniciativa de importância para o Grupo...

Coisas deste estilo formam o esquema do programa que marca as directrizes à Patrulha, e cuja execução ocupará a vossa atenção preferente, sem que essa preferência signifique descuido dos deveres para com o Grupo a que a Patrulha pertence.

A tua Patrulha deve estar presente em quantas actividades organizem os vossos Chefes, nos concursos interpatrulhas, nos trabalhos colectivos ou de interesse comum, porque se vos fechais num círculo isolado, o vosso labor cairá em contínuos erros que não percebereis, por falta de contraste com outras Patrulhas; tornar-vos-eis egoìstamente comodistas, e destruireis esse espírito de fraternidade que une a

(Conclui na 8.ª página)

Edições Escotistas Francesas e Suíças

O «*Sempre Pronto*» no intuito de colocar nas mãos dos dirigentes portugueses as melhores obras escotistas de língua francesa, entrou em relações com as casas editoras francesas e suíças e está habilitado a satisfazer quaisquer encomendas de livros de doutrina e técnica, entre os quais destacamos:

ESCOTEIROS UNIONISTAS DE FRANÇA

Trentre Garçons, por Jean Pellegrin. Um exemplo do trabalho do Escoteiro-Chefe, um volume de 156 páginas..... 12$50

Sois un Chef, por Jean Pellegrin. Notas a propósito do sistema de patrulhas, um vol. de 152 págs. 12$50

Commissaire Scout, por Jean Pellegrin. Apontamentos para os Comissários, um volume de 84 págs.... 6$00

Camps Éclaireurs A organização, direcção, inspiração de um acampamento. Um verdadeiro guia para o Chefe, um volume de 128 págs..... 20$00

Manuel de l'Éclaireur Um volume magnífico de 650 págs., ilustrado com 370 desenhos e fotografias e 12 plantas em cores ..... 75$00

Colecção Técnica:

A L'Échelle, por R. Ledoux (Topografia).

Tresses et Nœuds Décoratifs, por R. Ledoux.

Nœuds et Passerelles, por R. Morley

Les Ponts, por R. Morley.

Cada volume 15$00

Traqueur, Guetteur, Ami des Oiseaux, por Jean Droit..... 12$50

Le Carnet de Route O verdadeiro Guia do escoteiro-sénior, muito ilustrado..... 22$50

Animaux Totems de Patrouille, por Ara Qui Rit Textos descritivos e desenhos decorativos ..... 6$00

Pistes de Jungle O guia do lobito, com ilustrações a 4 cores ..... 9$00

COLECÇÃO BADEN-POWELL

La route du succès, ilustrado ..... 23$50

Franchis l'obstacle (continuação de La route du succès)..... 22$50

Éclaireurs, 13.ª edição, ilustrado, (Scouting for boys) ..... 23$50

Le Livre des Éclaireuses, 6.ª edição, ilustrada ..... 23$50

Le Guide du chef éclaireur, 8.ª edição 17$50

Le Livre des Louveteaux, 10.ª edição, ilustrada..... 23$50

Le carnet du Louveteau, ilustrado... 7$50

A l'école de la vie, ilustrado..... 26$00

Pour devenir un homme, ilustrado... 22$50

Aventures africaines, ilustrado..... 22$50

Jeux d'Éclaireurs, ilustrado..... 22$50

Les mille et une activités de l'Éclaireur muito ilustrado..... 22$50

Lady Baden-Powell, Carnets de Route 18$50

» » » , Les ports s'ouvrent (primeiro contacto com o escotismo após a guerra) ilustrado.. 25$00

Demole, Zig, Zag, Zoug, jogos para a mocidade..... 23$50

Hillcourt, Le Manuel du chef de patrouille, (traduzido do inglês) .. 25$00

ÉCLAIREURS DE FRANCE

Qui vive, por J. O. Grandjouan .... 20$00

Grands et petits jeux, por E. Guilieu 18$00

Problème Sexuel, por P. M. Weil.... 15$00

Forces Vives, educação física para lobitos..... 10$00

Les Premiers pas d'une Meute, por Baillau ..... 10$00

Éclaireurs, La Première étape..... 9$00

» , *Le Livre des Brevets* ..... 8$00

Preços sem compromisso

Pedidos à Redacção do «*Sempre Pronto*» acompanhados da importância do valor da encomenda.

Se não tivermos a obra em depósito a entrega está sujeita a uma demora de um mínimo de 20 dias.

Caro Leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.

O "Sempre Pronto" e a Região Centro

A fim de assegurar uma melhor ligação entre o nosso jornal e os serviços da Região Centro, por acordo com o respectivo Chefe Regional, Sr. António Mira Calhau, encarregámos o nosso redactor Sr. Carlos Fernando Garcia de se ocupar da reportagem das iniciativas e actividades daquela Região.

Estamos certos de que, em face das qualidades de trabalho do nosso camarada de redacção e boa-vontade dos dirigentes regionais, nos será possível acompanhar mais de perto o desenvolvimento da acção da Região Centro.

DE LUTO

Faleceu no passado dia 26 de Outubro, depois de prolongado sofrimento, o Sr. Jorge Dias Garcia Lino, pai do nosso dedicado amigo e camarada Sr. Armando Lino, Chefe do Grupo 53, e sogro do nosso estimado assinante e antigo escoteiro Sr. Júlio Coelho. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Ajuda tendo-se encorporado muitos escoteiros do Grupo 53.

A toda a família enlutada, em particular ao nosso camarada Armando Lino, apresentamos condolências muito sentidas.

● Pelo falecimento de sua saudosa Mãe ocorrido em 30 de Agosto p. p. encontra-se de luto o nosso estimado amigo e assinante Sr. Israel Saramago e sua Esposa Sr.ª D. Matilde Saramago, a quem enviamos os nossos sentidos pêsames.

● Igualmente pelo falecimento de sua extremosa mãe, ocorrido em Agosto p. p., se encontra de luto o nosso irmão-escoteiro e dedicado colaborador do «*Sempre Pronto*», Sr. Francisco Militão dos Santos, de Olhão, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

O "SEMPRE PRONTO"
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro
(frente à Estação do Rossio)

N.º 12 Novembro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R. K. E.

O cerco foi feito com tais precauções que nenhum dos bandidos suspeitou da presença das autoridades acompanhadas por novos escoteiros. Os polícias permaneceram encobertos com a vegetação e coube a dois escoteiros aproximarem-se mais ainda dos penhascos onde se abrigava a quadrilha. Perante os olhos dos dois rapazes surgiu de repente um espectáculo capaz de aterrorizar o mais valente. Observaram, então, que no solo se encontravam os seus oito camaradas da Patrulha Tigre completamente amarrados. A boca de uma caverna, que caprichosamente se abria no rochedo, estavam reunidos os quatro meliantes.

Um dos dois escoteiros, por sinal o Guia da Patrulha Cão, teve uma ideia. Puxou da sua espia, fingiu-se amarrado, foi rastejando, aproximou-se o mais possível dos seus camaradas raptados, e, quando estava muito perto do Guia da Tigre, lançou muito baixinho o grito da Cão. O José—ao ouvir o característico béu, béu—voltou-se imediatamente e saltaram-lhe as lágrimas dos olhos quando viu o seu camarada. O Guia da Cão fez sinal de silêncio e, aproveitando o momento em que os quatro homens conversavam e bebiam animadamente, lançou se por entre os seus companheiros. Os bandidos nem sequer repararam que o número de prisioneiros tinha subido de oito para nove.

O Guia da Cão puxou da sua faca de mato e cortou uma a uma as cordas que prendiam os seus irmãos. Estes ficaram assim, embora enleados, prontos a poderem libertar-se se fosse preciso.

Coube ao Raul contar ao ouvido do Guia salvador o que se tinha passado:—«Assaltaram-nos o acampamento. Ainda nos quisemos defender com as varas, mas eles puxaram das pistolas e preferimos entregar-nos. Trouxeram-nos para aqui, amarraram-nos, e assim passámos a noite, ficando sempre um deles a vigiar-nos».

O Guia informou-o, então, de que se encontrava ali a polícia, o Chefe do Grupo e toda a sua patrulha. A nova correu de ouvido a ouvido, entusiasmando toda a rapaziada—estavam salvos! Deus nunca abandona os seus filhos, e eles tinham passado a noite em oração!

A conversa dos quatro piratas tinha tomado um rumo que muito interessava aos escoteiros.—«Que destino havemos de dar a estes meiros?»—perguntou um e logo outro continuou:—«Não sei, verdadeiramente, o que devemos fazer. Mas o caso é que, se os deixamos escapar, ficamos descobertos!». E logo o terceiro afirma:—«O melhor é fazê-los desaparecer!».—«Como?»—perguntaram todos os outros.—«Matamo-los, deitamo-los ao mar juntamente com os seus equipamentos e, quando o barco der à costa, toda a gente se convencerá de que houve um naufrágio». «E o melhor é tratarmos disso já!,» — concluiu o primeiro.

O Guia da Cão não quis ouvir mais. Com as mesmas cautelas com que chegou, foi rastejando até se encobrir com a vegetação. Depois deu uma corrida, e, junto com o camarada que o tinha acompanhado, juntou-se à polícia.

Desta vez um dos malfeitores suspeitou de qualquer coisa. Contou os escoteiros, estavam oito, convenceu-se de que tinha sido confusão.

Os cruéis bandidos tinham puxado das pistolas e as suas intenções pareciam sinistras. Todavia a polícia, informada do que se passava, procedeu ao assalto. Os piratas ao ouvir barulho de passos entrincheiraram-se nas rochas e dispuseram-se a vender cara a liberdade.

A polícia avançava. Um dos bandidos ia dar a voz de fogo. Não contava, porém, com um acontecimento imprevisto. Os escoteiros, largando as cordas, vieram pelas costas, saltaram para cima deles, agarrando-lhes a pistola e prendendo-lhes os movimentos. A polícia salvara os escoteiros e os escoteiros salvaram os polícias, evitando derramamento de sangue.

Travou-se luta entre os escoteiros e os bandidos, mas a polícia chegou ràpidamente e pôs termo ao incidente.

(CONTINUA)



Férias a meias

—Temos de passar os olhos pelo orçamento, depois do jantar, para ver o que poderemos cortar—dizia D. Bárbara.

O marido tinha chegado a casa com uma notícia muito desagradável: o seu ordenado tinho sofrido um corte de vinte por cento. Seis meses antes tinha sofrido um corte de dez por cento. Ora um total de trinta por cento de redução na receita da família representava a necessidade de fazer grandes cortes nas despesas.

—Oxalá que não seja preciso cortar as férias!—exclamou o Pedro.

—Receio muito que sim—replicou o pai.

—Ó paizinho! nem diga isso!—exclamou Leonor consternada.

—Isso é convosco. As vossas mesadas também terão de ser reduzidas trinta por cento. Se mesmo assim conseguirdes economizar bastante para pagar as despesas de férias, muito bem. Doutra forma tereis de ficar aqui connosco. Ainda faltam seis meses.

—Mas... eu, economizar bastante para pagar as férias? E com trinta por cento a menos?! Se agoro chego ao fim do mês sem um centavo...

—Eu sei—respondeu o pai.—Talvez seja uma boa lição para ti. Não esqueças, minha filha, que o dinheiro ganho pelo esforço de alguém deve ser gasto em coisas que o valham. Porque não começas por cortar das tuas despesas as coisas que são de menor valor?

Leonor pegou num papel e num lápis:

—Doces—escreveu com mágoa.—E carros; posso bem ir a pé para a escola, é só sair um pouco mais cedo.

Parou, a mordiscar o lápis. Depois de pensar profundamente, exclamou com coragem:

—Não gasto nada. Posso passajar as meias, passar sem luvas, servir-me das coisas do ano passado. Não será muito agradável, mas sem férias não hei-de ficar!

E assim, Leonor foi depositando na Caixa Económica as suas mesadas quase inteirinhas. O pai tinha sido sempre tão generoso que os filhos tinham uma ideia muito vaga do valor do dinheiro. O pai só exigia, e nisso era intransigente, que não contraíssem dívidas em empréstimos mas dava-lhes inteira liberdade para gastarem as mesadas como entendessem.

Nos dois últimos anos os pequenos tinham passado as férias em acampamentos nas duas margens dum lindo lago: dum lado as meninas, do outro os rapazes. Que belas férias! E este ano haviam de perder-se?

Leonor foi a primeira a amealhar o preciso para o acampamento. O Pedro não tinha sido tão bem sucedido, mas já tinha o suficiente para duas semanas. Talvez tivesse ainda oportunidade de arranjar mais alguma coisa, mas não sabia como.

Um dia da primeira semana de Junho, um dia muito quente, o Pedro chegou a casa muito excitado:

—Mãezinha, quere saber? Arranjei emprego no acampamento. Eu e o Frederico concorremos ao lugar, e fui eu que ganhei! Agora posso ir por um mês e sem pagar um centavo!

Minutos depois, entrava Leonor, também com novidades:

—Mãezinha, já sabe? A Adélia teve a gripe e agora está com uma pneumonia. Está muito mal!

Quando à hora da ceia se falou outra vez no assunto, o pai disse:

—É uma desgraçada! Com o pai desempregado... É um belo homem, mas a firma faliu. Má ocasião para doenças!

O Pedro deixou cair o garfo, e disse sobressaltado:

—Se não fosse eu, o Frederico teria o emprego no acampamento. O paizinho acha que devo aceitar o lugar, quando ele tem a irmã tão doente, e o pai desempregado?

—Faze o que a tua consciência te ditar, meu filho.

O serão foi triste. Pedro estava calado e pensativo. A mãe foi visitar a doente e veio com tristes notícias. Leonor não podia pensar senão em Adélia.

No dia seguinte ao jantar. Pedro anunciou que tinha cedido o seu lugar a Frederico, e assim passaria só quinze dias no acampamento. Leonor ficou triste: pesava-lhe ter quatro semanas de férias quando o irmão só teria duas. Quis repartir com ele, mas o pai não consentiu: se o Pedro tivesse economizado como a Leonor, teria também as quatro semanas.

Foram passando os dias, e finalmente Adélia começou a melhorar Mas estava fraquíssima. O médico insistia na necessidade de mudança de ares. Mas como? Como poderia o pai, desempregado, arranjar dinheiro para isso, tendo de pagar ao médico e ao farmacêutico?

Leonor pensava e tornava a pensar na pobre Adélia tão magrinha, tão fraquinha, tão pálida!... Não haveria maneira de lhe dar uma temporada nas montanhas, como o médico recomendava!

E um dia, Leonor apareceu ao almoço com os olhos brilhando de alegria:

—Já sei como há-de ser! Que estupidez a minha! Como não me lembrou mais cedo? Vou convidá-la para o acampamento como minha visitante. Vamos as duas por duas semanas: custa o mesmo que uma só por quatro. Os pais dão licença não é verdade?

—Com todo o gosto, disse D. Bárbara.

Ao fim de duas semanas de férias, Adélia voltava para casa com as faces rosadas, a tez queimada do sol, boa promessa de que em breve estaria completamente restabelecida.

—Mãe,—confessou Leonor, nessa noite.—Sabe, quando convidei a Adélia parecia-me fazer um sacrifício.

—E não foi sacrifício?

—Não, agora tenho vergonha de ter tido tal pensamento. Diverti-me muito mais do que o ano passado. Não sabia como a Adélia é boa companheira. Já fizemos os nossos planos para ganharmos dinheiro e irmos outra vez no próximo verão.

Versão de

BERTA M. J. CRUZ CHAVES

De «*O Raio de Sol*»

PALESTRAS COM GUIA

(Conclusão da 6.ª página)

todos aqueles que em qualquer parte do mundo seguem o caminho de Baden-Powell, e que talvez seja o melhor que o Movimento Escotista tem.

Coopera entusiàsticamente no melhoramento do Grupo através do Conselho de Guias, e o vosso «totem» cobrir-se-á de trofeus. Porém, não esqueças que, quando a tua Patrulha tiver de se mover só, seguir o seu próprio caminho até ao cume, necessitas de um Programa que te sirva de guia.

Assim, pois, traça um esquema, discute-o com os teus companheiros, e esforça-te para que os projectos forjados se convertam em realidades conseguidas durante o curso escotista iniciado há pouco.

ENRIQUE GENOVÉS
O O DE LINCE